IDENTIFICAÇÕES CRUZADAS E LUTO DISSOCIADO

THANASSIS HATZOPOULOS

> "Sugiro que a criatividade seja um dos denominadores comuns entre homens e mulheres."[1]

O século XXI, que apenas começou, caracteriza-se por uma verdadeira "epidemia" de sintomas concernentes a algo que não direi ser "transtorno de identidade de género", mas sim a instabilidade de tal identidade, que vem afetando um número considerável de jovens a partir da puberdade, ou mesmo da infância, que clamam por ajuda para lidar com as mudanças nessa identidade ou para estabilizá-la. Refiro-me em especial ao desejo de esses indivíduos adotarem um novo nome, e assim se declararem o oposto de seu sexo biológico, e também à sua tentativa de mudar, em certos casos, também o sexo biológico, que é então dito estar de acordo com o desejo de se identificarem com o gênero oposto.[2] São mudanças paralelas às ocorridas em comunidades ocidentais correspondentes na esteira dos movimentos LGBTQ+,[3] incluindo uma profusão de termos que buscam caracterizar todo tipo de disputa ou polifonia relativa à questão da identidade sexual, e que variam ou se multiplicam para além de qualquer forma de desconforto de gênero. De fato, é possível encarar a questão da busca da identidade sexual como uma caracterização do "denominador comum entre homens e mulheres" – que, segundo Winnicott, é a criatividade. Visto que, qualquer que seja a direção que a identidade sexual tome, até mesmo a de sua

Texto original do autor

---

1 D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 5.

2 Veja também Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun, *La dysphorie du genre* (Toulose: Eres, 2022) e Caroline Eliacheff e Celine Masson, *La fabrique de l'enfant-transgenre* (Paris: Éditions de l'Observatoire, 2022).

3 Inclusos nesse "+", além de homens e mulheres homossexuais e anfissexuais, contei cerca de quinze caracterizações que buscam definir o campo da sexualidade a partir do gênero social, não biológico: transgênero, transexual, biespírito, queer, questionador, intersexo, assexual, pansexual, agênero, genderqueer, bigênero, não-binário, gênero variante, pangênero, gênero fluído.

própria negação, ela continua sendo um processo ao mesmo tempo psíquico e psicossomático, e criativo no sentido de sua própria criação, algo que, segundo muitos psicanalistas, é traumático em sua essência.

Há alguns anos, durante o célebre Festival Eurovisão da Canção, surgiu uma cantora com nome e aparência de mulher, que, no entanto, ostentava uma barba que não buscava adornar, ao estilo drag queen, mas sim entoar a aceitação de todos os elementos masculinos e femininos juntos numa só pessoa e numa só identidade. A aparição dessa cantora provocou um verdadeiro vagalhão de comentários. E, no entanto, o disfarce e/ou ocultação da identidade sexual, isto é, o interjogo entre os sexos, nada tem de novo. A antiguidade nos fornece um exemplo particularmente marcante, ainda que talvez pouco conhecido. Tétis, mãe de Aquiles, a fim de poupar seu filho da fatídica (para ele, segundo os profetas) mas gloriosa Guerra de Troia, veste-o em trajes femininos e o esconde no palácio do rei da ilha de Esquiro, Licomedes, em meio às filhas do monarca. Aquiles é descoberto por Ulisses, que se apresenta como um mascate de tecidos, mas também de armas. Aquiles, vestido de mulher, é o único que ousa a aventurar-se em direção às armas e, com esse gesto, é desmascarado. É, em seguida, facilmente coagido a acompanhar os outros à guerra, na qual será triunfantemente morto. Esta história, por mais artificiosa e mitológica que possa ser, faz sentido e confere uma dimensão existencial ao disfarce: o encobrimento que oculta a identidade sexual torna-se uma maneira de evitar a morte certa e uma defesa da vida – algo que, nas diferentes versões de identidade sexual, a experiência clínica possivelmente nos atesta, pois os pacientes talvez "descubram que a vida em si mesma é a terapia que faz sentido".[4] Ou seja, a experiência clínica mostra que por trás de todas as identidades artificiosas existe um impasse mortal, e que o artifício, como costuma ocorrer em muitos sintomas, constitui uma tática de sobrevivência.

■

Há alguns anos, recebi um pedido agonizante dos pais de A., um adolescente que estava pensando em levar adiante uma cirurgia de redesignação sexual. Realizei

[4] D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 6.

Texto original do autor

algumas sessões com A., o que contribuiu para que concluísse o último ano do ensino médio, que ele pensara em abandonar, e começasse a cursar a faculdade que escolhera. Contudo, ele não mostrou vontade de dar continuidade a nossas sessões, já dificultadas pelo fato de morar em uma ilha grega remota. Nem a situação foi mudando progressivamente, com o início de seus estudos, pois a universidade em que havia sido aceito ficava bastante distante de Atenas. Durante as poucas sessões que tivemos, ele conseguiu mencionar em parte seu desejo de mudar de sexo, indicando Jennifer Lopez como seu protótipo, pois, como me contou, ela tinha todos os homens aos seus pés. O que almejava para si era tornar-se uma imagem fiel dessa atriz e cantora, embora ele mesmo não possuísse traços femininos e seu desejo indicasse uma completa dissociação dos elementos femininos de sua psique. Ao mesmo tempo, contudo, revelou que sentia medo avassalador diante de outros homens, que chegava ao ponto da disforia quando, por exemplo, saía do metrô em meio a uma multidão de homens. E é aqui, em minha opinião, que transpareceu uma homofobia masculina particular, a qual A. buscava superar mediante sua fantasia de cirurgia de mudança de sexo: como mulher, não só os homens não lhe incitariam medo, como lhe parecia estimulante ser capaz de provocar o desejo deles. Com certeza, um medo semelhante instigava a possível inibição de sua relação de transferência comigo, a julgar por sua conduta e atitude em nossas sessões e até por sua linguagem corporal. Assim, foi rapidamente se tornando evasivo em relação às sessões em si, sem, no entanto, manifestar qualquer desejo de continuar a terapia com uma analista mulher.

Winnicott observa: "Do ponto de vista clínico, é possível encontrar uma dissociação quase completa do outro sexo, *organizada em relação a fatores externos em um estágio bastante primitivo* e misturada com dissociações posteriores, organizadas como defesa e mais ou menos baseadas em identificações cruzadas. A realidade dessa defesa organizada mais tarde pode entrar em conflito com o paciente que revive em análise a cisão reativa inicial. Temos aqui um axioma: o paciente sempre vai se prender à exploração plena de fatores pessoais e internos, que lhe dão uma sensação de controle onipotente, em vez de dar vazão à ideia de uma reação grosseira a algum fator ambiental, seja ele fruto de distorção ou de

Texto original do autor

fracasso."[5] A. trouxera para nossas sessões iniciais, que não totalizaram mais de seis, um sonho que havia tido antes de me procurar (e anterior mesmo à perspectiva consciente de me ver), sentado, em profunda crise, em uma ilha que não era sua ilha natal, onde sua irmã mais velha trabalhava e a quem ele estava visitando para se distanciar de seu ambiente familiar sufocante. No sonho, ele se vê se aproximando de uma igreja rural, uma capela. Ao entrar, lá estão sua avó, mãe de seu pai, e outras mulheres idosas ao redor dela, como se aguardassem por ele. Diante delas, no centro da igreja, há um estrato, e sua avó gesticula para que ele se deite ali para que seu funeral possa começar. A ambientação toda do sonho no interior da capela era permeada por referências funerárias – uma mulher, uma mãe, que queria um filho, um neto morto. À parte de todo resto, é esse fenecimento, essa morte para a qual sua avó, gesticulando, o conclama (talvez no lugar de seu pai?), que A. se esforça para evitar através da ruptura com seu gênero biológico. Como se não lhe fosse possível viver como homem e buscasse na mudança de sexo uma saída existencial para a vida. O sonho termina com o aceno funéreo da avó e a ausência de reação de sua parte, sem saber se acataria ou não o rogo dela.

De minha parte, não fiz interpretação alguma, exceto para me referir ao aceno mortal da avó, indicando que ele tomasse o lugar de um morto e todos pudessem lhe prestar luto. Tampouco houve qualquer outra associação de sua parte no tocante a essa posição. Ele interrompeu nossa colaboração quatro meses antes de entrar na universidade e depois que sua ideia de mudar de sexo já havia praticamente se dissolvido – fato que lhe permitiu estudar e ingressar na faculdade. Tive notícias suas apenas por meio de um parente, aquele por quem ele me fora encaminhado. Vários meses depois, A. reaparece, solicitando um certificado de nossa colaboração, necessário para conseguir o adiamento do recrutamento militar. Mostra-se determinado a interromper os estudos na Grécia e continuá-los nos Estados Unidos, em um campo diferente, e diz já está preparando as formalidades da sua partida. Ainda me lembro de sua expressão irônica ao se despedir de mim, certificado em mãos, e sua total relutância em iniciar qualquer tipo de conversa durante nosso intercâmbio, fosse sobre sua decisão ou qualquer outro assunto. Poucos dias depois,

[5] D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 5. Itálicos meus.

Texto original do autor

recebo um telefonema de seu parente informando-me da sua morte em um acidente de carro em sua ilha natal, quando retornava do vilarejo local para sua casa, ainda a organizar sua mudança para os Estados Unidos. Na estrada em que sempre dirigiam, com o pai ao volante e a mãe ao seu lado, o carro capotou em uma curva. Os pais escaparam sem um arranhão, enquanto A. morreu instantaneamente. Por trás de sua morte, os lutos são dissociados – os seus próprios, mas também os de sua família, combinados enfim em um enorme luto que só a duras penas poderá ser superado. As identificações cruzadas com o pai jaziam já naquele sonho em que a avó, gesticulando, o intimava.

■

E. me procura para uma sessão de psicoterapia sem nenhuma demanda definida, apesar de estar em profunda depressão de tipo crônico. Perdida, a maior parte do tempo, em "meu próprio mundo", como ela o chama, gostaria de se relacionar mais com os outros, principalmente com a filha, que já tem dez anos. Está envolvida já há vários anos nesse projeto, mas num ritmo bastante lento, que também tem a ver com a frequência das sessões, que ela deseja que não seja superior a duas vezes por mês, nas quais, porém, mantém a lassidão da conexão também na transferência. Mesmo assim, ela investe na psicoterapia – que, nesse ritmo lento, durará sete anos. Ao longo desses anos, falará igualmente tanto de si mesma, e de si mesma quando criança, como de sua única filha. Falará de como fugiu de casa quando adolescente, sendo encontrada a quilômetros de distância de sua cidade natal. Falará do pai quase paranoico e da irmã profundamente maníaco-depressiva. Acima de tudo, falará longamente de sua filha, nascida fora do casamento, de um homem com quem manteve longo e intermitente relacionamento. E. engravidou em um momento em que o relacionamento, mesmo intermitente, estava terminando. Ela esconde a gravidez do pai, com medo de que ele a force a interrompê-la. E, quando a filha nasce e ela finalmente a apresenta, o pai aceita a criança e a reconhece como sua (já sofrendo de uma doença que, pouco depois, o mataria). O sofrimento desse homem pesa profundamente sobre ela, pois o próprio pai e irmão de E. cometeram suicídio. Muito mais tarde, ela falará da vivacidade desse homem, das coisas que fez e de seu

Texto original do autor

amor pela vida. Entretanto, para E., os lados mais sombrios da história dele, de sua doença e morte prematura, são como um véu que o encobrem.

No decorrer de nossas sessões, ela se esforçará dominantemente para realçar o papel do pai na vida de sua filha, dando-lhe o sobrenome dele junto com o seu, ou seja, o de seu próprio pai, enfrentando um procedimento burocrático particularmente complicado para conseguir que a filha adquirisse os dois sobrenomes – sendo o primeiro o do pai e o segundo o do avô. A filha reage a isso, ainda que moderadamente, mas, ao que parece, aceita. E., contudo, enfrenta dificuldades consideráveis em seu relacionamento com a menina, e esta, por sua vez, parece exigir autonomia absoluta da mãe, como se carecesse completamente de espaço psíquico. Por causa de brigas e altercações na escola, ela tenta iniciar psicoterapia, mas não vai além de três ou quatro sessões. Isso se repete duas outras vezes, pois, devido a certos sintomas de depressão, ela inicia um tratamento antidepressivo, que interrompe relativamente logo por iniciativa própria. Tentativas de controle onipotente, reminiscentes de seu avô materno, começam a vir à tona. Até o momento em que, perto dos dezesseis anos de idade, ela afirma que se sente como um menino e pede para ser chamada por um nome masculino – primeiro pelas amigas, depois pela mãe, que parece aceitar o fato sem resistência especial, e por fim pela escola. A mãe parece preocupada com esse evento, embora o aceite com certo desconforto misturado com consentimento. Quase como se fosse algo esperado. Eu diria que este é o ponto em que suas próprias identificações cruzadas, com o pai paranoico e a mãe profundamente depressiva, tornam o elemento feminino extremamente apartado e buscam reintroduzir um elemento masculino morto ou onipotente.

■

Quando sua mãe, buscando um terapeuta para T., o trouxe a mim, ele tinha oito anos. Perdera o pai aos três anos de idade, de um ataque cardíaco tão fulminante que sequer chegou a ser transferido para o hospital. T. portava-se como uma garota, copiando de forma extremada comportamentos especificamente de menina, brincando com bonecas Barbie e adotando poses teatrais altamente coquetes a fim de enunciar sua feminilidade da forma mais exagerada, como uma caricatura – que,

Texto original do autor

segundo ele, representava o jeito de ser das mulheres e das meninas. Sua terapia durou alguns anos, um processo extenso e minucioso, com esboços e descrições de sonhos de enorme força dramática e um *imprint* inconsciente – algo talvez inesperado em uma criança de sua idade. Seja como for, T. avançou para um processo mental que, de um lado, levou rapidamente ao desaparecimento do sintoma de imitar uma menina, ligado à figura matriarcal dominante de sua avó materna, e, de outro, trouxe à tona o trauma básico envolvendo a morte e as circunstâncias da morte de seu pai – em particular, os esforços infrutíferos da mãe para ressuscitá-lo, cena que ocorreu bem diante dos olhos do garoto de três anos. Na verdade, por trás da morte extemporânea do pai havia a história de toda a família, afligida por catástrofes que quase a levaram à extinção.

Anos mais tarde, T. é um jovem iniciando seus estudos universitários. Outras repercussões da análise foram um investimento em conhecimento e educação, paulatinamente restabelecido, e uma orientação para a escolha homossexual de objeto, que continha certas características remanescentes das neuroses familiares e estava associada ao enorme vazio da ausência do pai, mas também às grandes lacunas em sua genealogia. Aqui as identificações cruzadas dissociaram novamente o luto pelo pai, algo nada fácil de fazer, tendo a ver com a posição de T. entre sua mãe e sua avó materna, na qual menções ao pai envolviam apenas características de morte. O avô materno também havia morrido e o tio de T. foi atormentado por uma doença crônica em forma de fraqueza masculina. O trabalho psicanalítico de T. reassociou-o a essas perdas, outrora difíceis para ele abordar e lidar, conduzindo-o a uma integração psíquica que ia no sentido contrário de seu rompimento com a genealogia paterna marcada pela morte, permitindo-lhe entrar em um estado de luto – que, é claro, só se completou na medida correspondente à idade em que sua análise "terminou". Não há dúvida de que esse processo terá de ser repetido em uma idade mais madura, enriquecida com as experiências de sua vida adulta nesse ínterim, até que se possa dizer que o luto pelo pai tenha se consumado.

■

B. era uma mulher de idade madura, que buscara a psicanálise em um momento em que se encontrava em crise de natureza claramente psicótica. A crise havia

Texto original do autor

começado – fato que ela pôde constatar muitos anos depois em sua análise – com a morte do pai, com quem tinha uma relação de adoração. Ela encarou essa morte, quando ele já tinha 90 anos, como algo que poderia ter sido evitado, acompanhou os procedimentos fúnebres com a coordenação emocional pertinente e, subsequentemente, como ela mesma diz, "congelou" por um ano, referindo-se à imobilidade emocional que a afastava de qualquer tipo de processo de luto. No primeiro aniversário da morte do pai, disse ter se lamentado por vinte e quatro horas e chorado como deveria ter chorado no enterro. A associação sucessiva entre as realidades externa e interna seguiu uma direção em que ela optou por se dissociar do luto que pouco vivenciara e manter a identificação cruzada com o pai. Isso assumiu a forma de uma fixação maníaco-erótica, beirando o delírio, por uma mulher do seu ambiente de trabalho, que ela considerava homossexual porque outra colega havia lhe falado do possível envolvimento dessa mulher com uma terceira colega. B. exigiu que a mulher sucumbisse ao seu desejo erótico, um desejo homossexual que ela descobrira cegamente em si, embora o objeto desse desejo, contrariando tudo o que B. imaginara, não reciprocava. Até aquele momento, B. mantivera amizades íntimas com mulheres, em especial com aquela que a indicara para mim, muitos anos antes, e que não estava mais viva. Esta mulher foi alguém cuja perda B. conseguiu lamentar e prestar luto.

O investimento homossexual de B. tinha a ver com a completa dissociação do luto pelo pai, dissociação que lhe permitia continuar a manter uma identificação cruzada com ele. Não foi, porém, o único episódio. Durante a análise, antes de chegar a essa identificação mais recente e próxima – e ainda no curso da crise psicótica que assumira um caráter paranoico de grandeza e persecução de conteúdo político ideológico (sem que ela mesma percebesse como isso aconteceu) –, emergiu um profundo luto dissociado e uma identificação cruzada com um irmão falecido. B. tinha cerca de três anos quando o evento ocorreu. Era a segunda gravidez de sua mãe, prenhe de gêmeos, um menino e uma menina. O menino, por motivos pouco claros para ela, morreu poucos dias após o parto, que fora feito em casa e ao qual ela assistira. O bebê foi levado às pressas ao hospital, mas acabou falecendo alguns dias depois, após ter recebido um nome e um batismo de emergência. Para grande surpresa de B., ela conseguiu prestar luto a esse irmão mais novo durante a análise, ele que havia sido o único menino de uma família com três filhas, nenhuma das quais

Texto original do autor

chegara a montar sua própria família, que continuaram vivendo juntas na meia-idade. Ter conseguido se referir durante meses a esse irmão foi talvez uma conquista importante para ela, a primogênita, em uma identificação cruzada fortemente repelida com o bebê morto, a saber, os procedimentos de luto dos quais ela guardava apenas algumas lembranças, principalmente das visitas ao cemitério. E aqui retornamos às palavras de Winnicott: "O elemento do outro sexo pode estar completamente cindido, de modo que um homem pode ser incapaz de se conectar com essa parte cindida, por exemplo. Isso se aplica especialmente quando a personalidade é, de maneira geral, saudável e integrada".[6] Essa mulher precisou enlouquecer para conseguir se reassociar com a parte dissociada de seu si-mesmo, com a qual convivera a maior parte da vida.

■■

Existe um elemento que une esses quatro casos, apesar das idades diferentes, de os impasses terem surgido de forma diferente e de as soluções dadas serem diferentes. Em um dos casos, a dissociação permaneceu poderosa, com identificações mortais assumindo papel preponderante e reforçando o impasse existencial. Em outro, um toque de loucura foi necessário para forçar uma solução que conduzisse à direção da vida. Ainda em outro, a análise ajudou a suspender a dissociação para que se chegasse a um processo de luto que revelaria uma "cripta". Em todos os casos, o fator ambiental – na forma do outro e dos acontecimentos da vida e do seu manejo – teve papel decisivo que reforçou o impasse ou a solução. Eu precisaria oferecer muito mais detalhes para corroborar com argumentos tudo que contribuiu para a construção do si-mesmo de cada sujeito, tendo as identificações cruzadas e a dissociação do processo de luto como base (sem que isso reduza a importância de fatores hereditários). Como observa Winnicott: "Em condições saudáveis, existe uma quantidade variável de elementos femininos tanto em meninas como em meninos. Além disso, elementos do fator hereditário entram em jogo, de modo que seria fácil encontrar um menino com elementos femininos mais fortes do que os de uma menina que estivesse ao seu lado e que poderia ter um potencial menor de

[6] D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 5.

Texto original do autor

elementos femininos puros. Se acrescentarmos a isso a capacidade variável que as mães têm de transmitir o caráter desejável do seio bom, ou de parte da função maternal simbolizada pelo seio bom, poderemos ver que *alguns meninos e meninas estão fadados a crescer com uma bissexualidade assimétrica, pendendo para o lado errado de sua constituição biológica*."[7]

No entanto, em todos os casos, o colapso de tal identificação (ou uma fixação e apego a ela como elemento de uma identidade que se move não na dinâmica da vida, mas em uma dissociação mortal a cada vez) leva a psique a um impasse. Além do fato de que, em todos os casos, com exceção do de T., é a parte feminina da identificação que corre risco ou está em dissociação mortal. A ela não se presta luto e nem ela recebe o reconhecimento a que tem direito como um dos aspectos a partir dos quais a psique respira e cria. E isso porque o elemento feminino tem a ver com o materno, com a dependência e o ajuste a ele, com uma dimensão existencial que emerge, em cada caso, indissociavelmente ligada à identidade sexual/de gênero. A dimensão existencial do sujeito está ligada à identificação cruzada que uma identidade no sujeito oferece, e não àquela que, estando em declínio, é deixada exposta pela dissociação completa aos caminhos da morte em vida. A capacidade de prestar luto a essa identificação cruzada em declínio restaura a associação e restitui algo da bissexualidade psíquica perdida do sujeito, a qual, caso isso não aconteça, tende a resultar em mudanças de nome e/ou de sexo, ou a se transformar em delírio ou mesmo em morte natural, tal como ocorreu no caso de A., o jovem adolescente.

E, desse modo, retornamos a Winnicott: "A psicanálise chamou muita atenção para o funcionamento e a sublimação do instinto [*drive*]. É importante lembrar que existem mecanismos relevantes para a relação de objeto que não são determinados pelo instinto [*drive*]. [...] Dei exemplos para ilustrar a *inter-relação ligada à exploração da dependência e dos fenômenos de adaptação* que ocorrem naturalmente nos bebês e em seus pais. Também destaquei que boa parte de nossa vida se passa na inter-relação própria das identificações cruzadas."[8]

Texto original do autor

---

7 D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 5.

8 D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (São Paulo: Ubu, 2020), capítulo 10.